Saldunes

COELHO NETTO

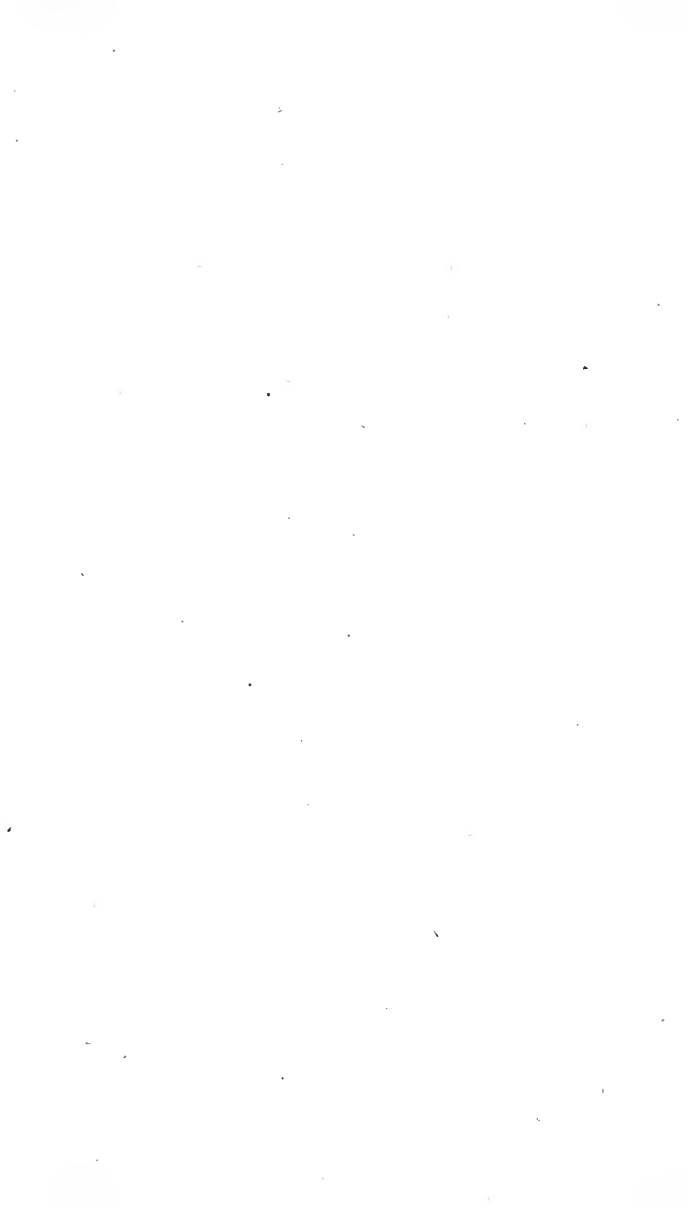
Saldunes

ACÇÃO LEGENDARIA EM 3 EPISODIOS

Musica de LEOPOLDO MIGUÉZ

LISBOA

Tavares Cardoso & Irmão, editores
Largo de Camões, 5

MDCCCC

DEDICATORIA

A

RODRIGUES BARBOSA

E

LUIZ DE CASTRO

Os infatigaveis propagandistas
do «Drama Lyrico» no Brasil

Dedico, de coração, este escorço

Coelho Netto.

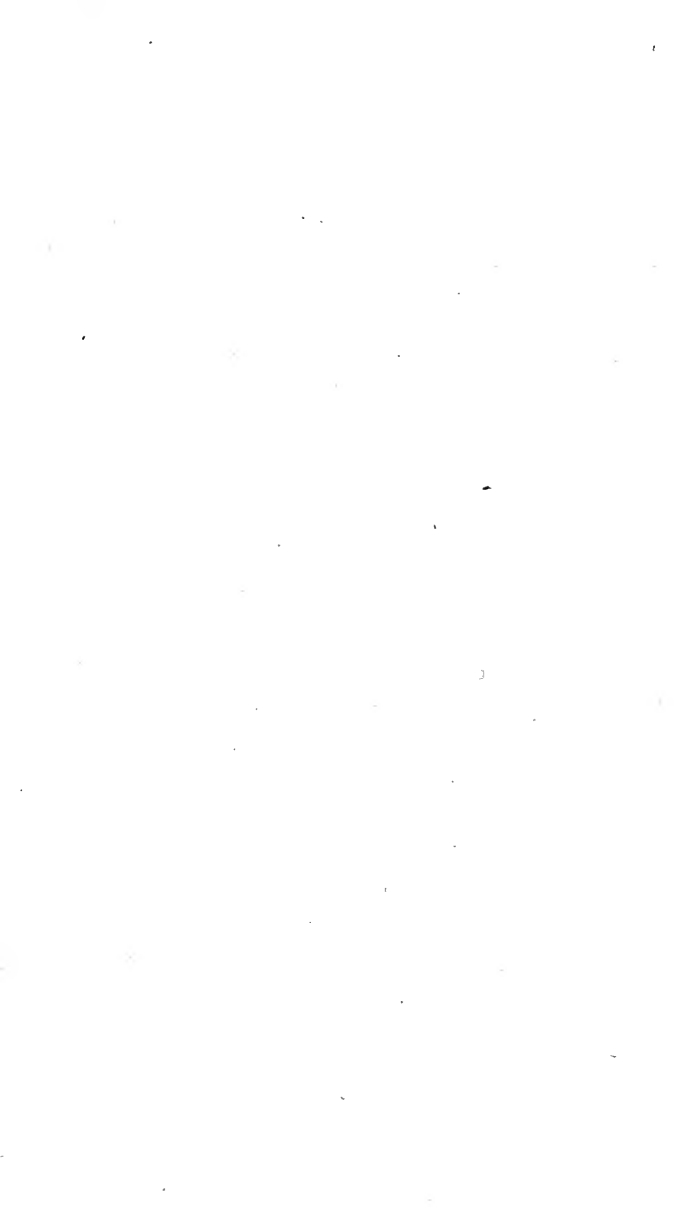
1898
30 de Julho

RIO DE JANEIRO

ESCUDO

Eu costumo subir ao Parnaso, quando o Ideal me reclama, vestindo a penula modesta, como simples prosador que sou; quiz, porem, não por vaidade, se não por amor da Arte excelsa, traçar o pallium magnifico dos rimadores e, mal ajustado, accusando o meu desageitamento em trazel-o, elle reveste-me o corpo não encobrindo de todo o grosseiro trajo de prosador, que é o meu. Penetro o templo de Musagete como supplicante, não como sacerdote, pedindo-lhe que me auxilie na campanha, em que ando tambem empenhado, da creação do «Drama Lyrico» no Brasil. Relevai-me, pois, a audacia e não tomeis como atrevimento insolito o que é simplesmente fervoroso enthusiasmo.

Dou a claridade do pleno dia ao primeiro episodio porque, abrindo elle em paz feliz corre violentamente para o epico. O segundo, consagrado ao mysterio e ao amor, deriva á noite, ao triste luar, n'um bosque sacro. O terceiro, finalmente, a catastrophe, a morte, que é o começo do renascimento, desenvolve-se n'um diluculo ennevoado.

Dadas estas ligeiras e necessarias explicações peço-vos, poetas, que não me desnudeis com furia vendo no supplicante um vaidoso Marsyas. Não venho ostentar louçainhas para pretender, enfatuadamente, um logar na vossa theoria; venho cumprir uma missão sagrada e nem ousei completar a investidura com a corôa de carvalho da vossa heraldica: trago apenas o pallium. Sêde generosos permittindo-me a passagem para que eu chegue, com o meu voto, ao glorioso altar de Apollo.

SOBRE O RYTHMO

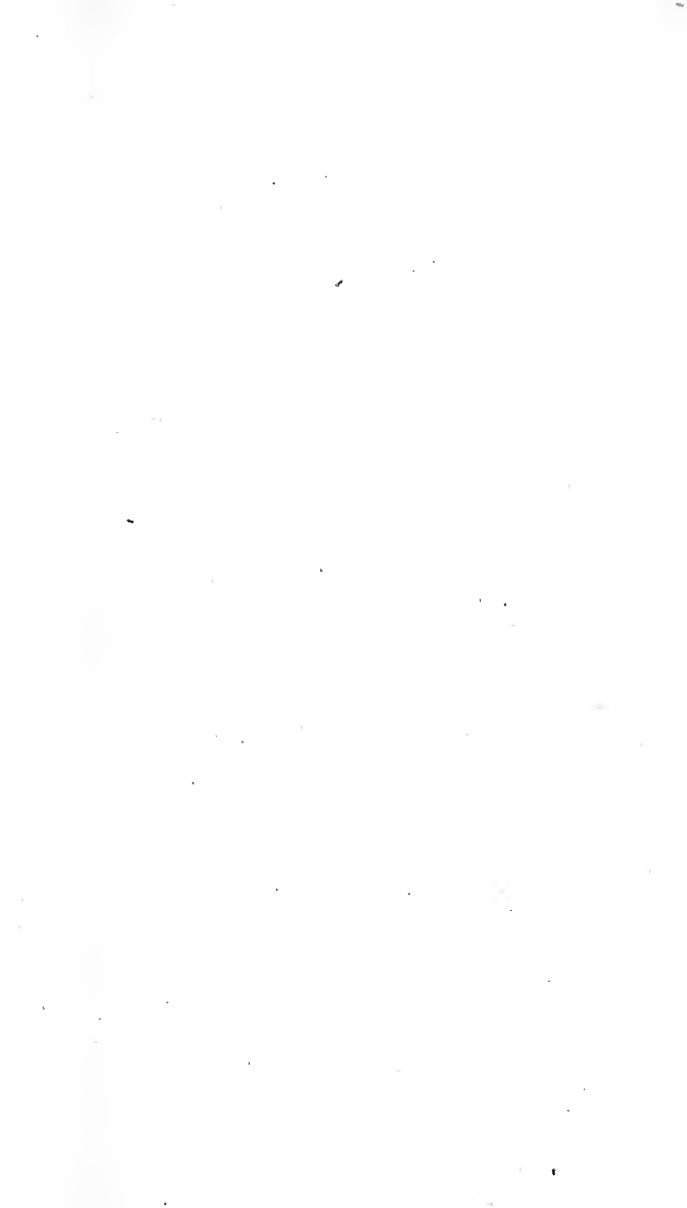
Sendo o rythmo a cadencia gradativa da intensidade sentimental deve ser a justa medida da exposição poetica. N'uma composição correntia, feita sobre um sentimento unico, comprehende-se que o poeta tome um determinado metro e cinja-se á sua regra, dado, porem, o facto de surgirem varias paixões em lucta no mesmo campo esthetico e tendo essas paixões, ora o assomo da colera, ora a meiguice da queixa, entrando n'ellas, promiscuamente, entrelaçadamente: amor, ciume, patriotismo, ternura é natural a repentina e imprevista mudança do rythmo caindo subitamente a metrica do altiloco alexandrino na redondilha singela ou apparecendo, na mesma estrophe, um verso de seis syllabas ao lado de um heroico pujante. O grito é monossyllabico, o delirio é facundo.

Não ha em todo este trabalho um metro determinado: elle varia com as intercadencias da acção e do momento.

GERMEN

Foi n'uma simples e curta indicação de Eugene Sue em «LES MYSTÈRES DU PEUPLEU» que encontrei a semente d'esta obra. Outro que se tivesse incumbido de cultivar tão precioso germen certamente teria hoje uma arvore frondosa e carregada de flôres, eu pude apenas fazer germinar um arbusto sem viço sobre o qual vai um artista potente por a cantar todo o aviario do seu genio. Felizmente serão as aves tantas e tão deliciosas que a planta desapparecerá de todo aos olhos do mundo, e será fortuna para a miseranda.

SALDUNES. aquelles que, entre os gaulezes, faziam juramento de eterna amizade seguindo para a peleja unidos por uma corrente porque nem a Morte os devia separar — eis a semente; o drama que decorre d'essa idéa é o arbusto.

COELHO NETTO.

PERSONAGENS

JULYAN E ARMEL, saldunes. Jovens e fortes, d'uma belleza viril. Olhos azúes: profundos e duros os de Armel; humidos e meigos os de Julyan. Cabellos em bucres louros, a tez com um leve tom d'ouro como se um pouco de sol dos campos livres n'ella houvesse ficado indelevelmente.

A voz de Armel atrôa em contraste com a de Julyan que é meiga.

JOEL, brenn da tribu de Carnac; veneravel na ancianidade de patriarcha. Olhos ainda vivos e agúdos, o porte altivo, a voz tremula mas dominadora, o gesto sóbrio e imponente. Os fartos bigodes, brancos e compridos, escorrem-lhe, como dois floccos de neve, pelos cantos da bocca severa.

MIKAEL, moço do monte. D'uma belleza selvagem; é impetuoso e bravío como os ursos do seu pago alcandorado. O seu pulso, exercitado em duellos com os belluinos, é formidavel, o seu olhar flammeja, a sua voz retumba.

KIRIO, jovem carreiro, tão louro como os trigos madúros por entre os quaes, cantando, do romper d'alva ao crepusculo, guia os seus bois pacificos.

UM VELHO DRUIDA.

UM MANCEBO.

HÊNA, filha de Joel e de Margarida. É como um lyrio desabrochado n'agua fina, tranquilla e limpida d'um lago, á sombra fria e silente d'um bosque. Loura e branca, olhos azues, serenos, a bocca pequena e de rosa, abotoada no silencio pudico ou entreaberta exhalando meiguice. As dezoito primaveras, que a vestem de seducção, dão-lhe ao collo a graça ondulante da puberdade e poem-lhe nas pupillas as primeiras scentelhas do amor. As harpas calmas das sacerdotisas afinam-se pela sua voz.

MARGARIDA, esposa de Joel. Velha e céga,

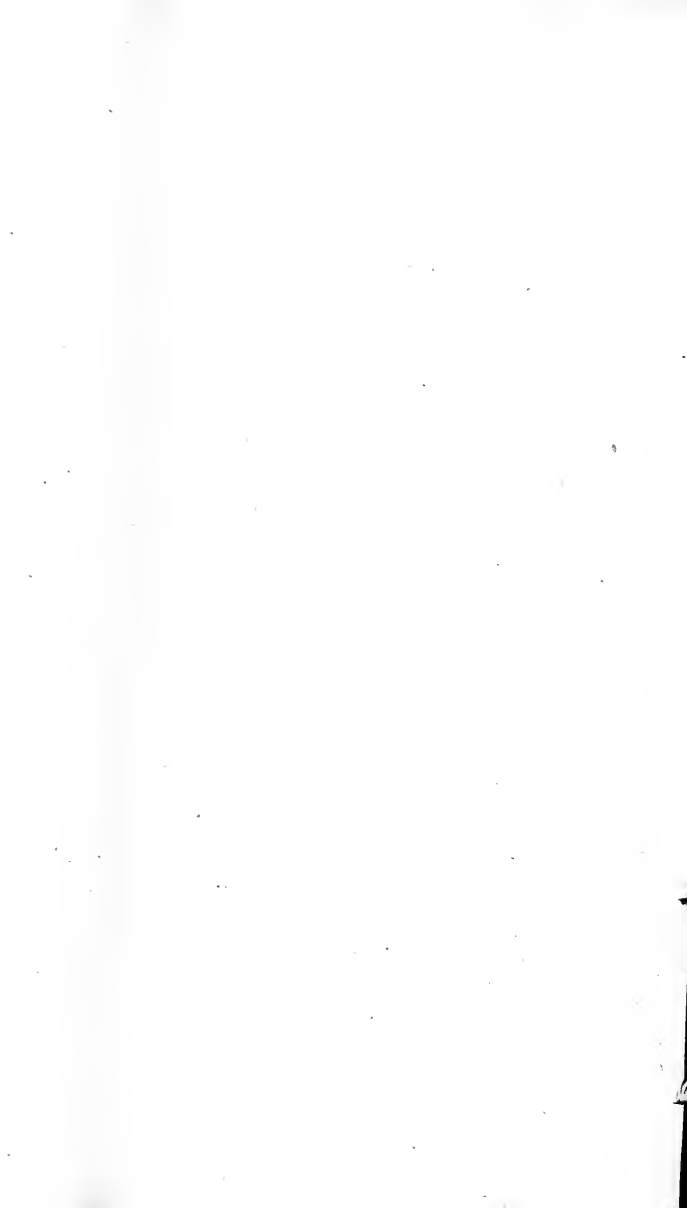
mais alquebrada pelo soffrimento do que pelos annos pesados que lhe nevaram a cabeça. Tem o gesto tremulo e vago de quem anda sempre a tactear na sombra; as suas palavras soturnas fazem pensar nas vozes oraculares das PYTHIA'S das cavernas. Magra, esqueletica, em ancia constante, como um prisioneiro que busca o caminho da evasão e só encontra os muros frios e fortes do carcere, ouve os que falam na claridade e responde da tréva como quem conversa de longe, através as grades de uma prisão, com os livres.

HENÔRA
MÉROE } donzellas.
SIOMÁRA
UMA VIRGEM.

DRUIDAS, EWHAG'HS, BARDOS, GUERREIROS, DRUIDIZAS, RUSTICOS, CREANÇAS

Na Gallia Bretã,
durante a invasão de Cesar

I

PRODROMO

SCENARIO

Interior gaulez.

Sala vasta com duas largas portas ao fundo abrindo para o viçoso trigal. Nos muros fortes panoplias reluzentes e ramos de carvalho: a um cantò, junto de uma ucha, instrumentos de lavoura.

O sol da manhã penetrà illuminando as vigas robustas que sustentam o tecto tisnado pelo fumo. Portas lateraes.

SCENA I

JOEL, SIOMARA, HENÔRA, MÉROE

Sentado á porta, aquecendo-se a um raio de sol, JOEL *escuta embevecidamente o canto dos rusticos, ao longe, e, em seguida, voltando-se para o interior, delicia-se com a Canção Vernal entoada pelas donzellas que fiam.*

CANÇÃO VERNAL

Foge, levando os mádidos sudarios,
O frio inverno livido.
Já pelos montes solitarios
O sol esplende vivido.
No lar revive a lampada mortiça,
Papeia o ninho, enflora-se a ramada
E a andorinha emigrada
Torna de longe e nos telhados trissa.
O rouxinol succede á cotovia,

Sôam nos cerros frautas de pastores;
E onde outr'ora a geleira apparecia
Ora apparecem flores.
Já se não teme a ***korrigan***
Nem a nevasca que regéla:
O sol esplende de manhã
Mal morre a estrella.
Os ursos da montanha albina
Não vêm fremir junto aos casaes;
E no arvorêdo a carambina
Não se vê mais.
Oh! quem nós déra
Uma perenne primavéra!

JOEL, *que se tem levantado, encaminhando-se para o grupo das donzellas:*

Outros bens não dissestes que derrama
A primavéra remuneradora:
Não só renova o campo como enflora
E veste a selva de virente rama.

Reaccende no peito a extincta chamma
E os corações exhaustos revigora.
Vede, filhas, Joel, tremulo, agora
Como ao calor primaveril se inflamma.

Como as neves altissimas dos montes
Ao renascer do sol vão defluindo
Assim, creanças, pelas velhas frontes

Desce a tristeza quando o sol vem vindo
Illuminando os tristes horizontes
Da velhice o dolente inverno infindo.

Levanta-se grande clamor fóra. As donzellas, alvoroçadas, suspendem o trabalho. JOEL *estaca em meio da scena*

MIKAEL, *fóra:*

Por Hesús! Por Hesús! ao vosso parr! á guerra!
Coalha a montanha e o val, coalha a campina e assoma
Sobre o viso da serra a gentalha de Roma
Assolando, alhanando, escravisando a terra.

SCENA II

OS MESMOS, MIKAEL E RUSTICOS

A scena é invadida pela turba a cuja frente MIKAEL, *com o malag em punho, o cabello*

revolto, os olhos flammejantes, n'um enthusiasmo ardente e, por vezes, com ódio, parece o proprio Espirito da guerra annunciando aos herões o momento glorioso do combate. As donzellas, retrahidas, pallidas, ouvem-n'o com assombro. JOEL *fita-o sobranceiro.*

MIKAEL, *com arrogancia, entre os rusticos:*

Joel, brenn de Carnac, presta attenção e escuta:
Has de ouvir o estridor formidavel da lucta;
Trôa a buzina rouca e travam-se combates:
É Roma que ensanguenta a terra de Teutates!

OS RUSTICOS

Her! Her! pela guerra!

MIKAEL

Lavra o incendio voraz... todo campo de trigo
Freme, crepita, estala, inflamma-se em fogueira.
Torce a vara ao vinhal, cresta a folha á oliveira
A chamma que precede o exercito inimigo!

AS DONZELLAS, *aterradas:*

Hesús!

MIKAEL

O gado abala e busca o socavão da serra,
Foge a familia ao lar, deixa o campo o ceifeiro;
Ouve-se em toda a parte o rebramar da guerra
E o armistrondo fatal do bellicoso aceiro.
Por Hesús! Por Hesús! pela Gallia sagrada!
Repilla o parr gaulez a lamina da espada
Do bandido cruel que esta terra profana
Querendo escravisal-a á tétra aguia romana!

Descriptivamente, assomado

Já pelos valles alarmados
Rolam pesados arietes,
Ouve-se a voz da turba-multa.
Bradam pugillos de soldados,
Nitrem congeries de ginetes
E estronda e atrôa a catapulta.

Como acossados pelas furias
Vestidos de armaduras fortes
Marcham com ancia, esbaforidos.

Passam centurias e centurias,
Passam cohortes e cohortes
Com formidandos alaridos.

E o sangue corre e o incendio o suga,
O campo em flor a espada arraza,
E o povo, attonito, tresmalha.

a Joel:

Tenta sustar a grande fuga!
Antes que a Patria em cinzas jaza.

Com enthusiasmo heroico, brandindo o malag:

Joel! ao campo de batalha!

AS DONZELLAS, *atemorizadas:*

Hesús!

JOEL

depois de um silencio commovido, entre os rusticos:

Joel, o brenn, que a idade prostra,
Joel, o espirito da Paz,
Na guerra intrepido se mostra

Como o mancebo mais audaz.
Que importa o numero da hoste

Enthusiasmando-se:

Se temos Rittha-Gaur por nós?

a Mikael:

E tu, que o nuncio triste foste,
Escuta agora a minha voz:
Vai aos casaes, aos alcandores,
Galga os nevádos cimos pallidos —
Conclama ás armas os pastores
E todos os gaulezes válidos.
Que, á noite, á luz do astro silente,
Na selva sacra, armada e forte,
Esteja a Gallia combatente
Para afrontar a morte!

AS DONZELLAS, *invocando:*

Hesús! Hesús!
Véla por nós, mantenedor da Luz!

As donzellas entram á esquerda, tristemente. MIKAEL *e os rusticos saem em tumulto, pelo fundo.* JOEL *queda-se meditando.*

EPINICIO, *fóra:*

Hér! Hér! pela Gallia!
Embora a guerra abale-a
Do valle em flor á serra
Jamais a Patria altiva,
Hesús! será captiva...
Hér! Hér! pela guerra!

SCENA III

JOEL, *só*

Perdendo-se ao longe o canto de guerra dos gaulezes. JOEL *desce lentamente e, tomando um pesado malag, fica algum tempo a contemplal-o, com tristeza:*

Como um barco que a rábida procella
Fendeu d'encontro á syrte lutulenta
E vai, partido e esfarrapada a véla,
A' vontade da vaga turbulenta,
Pobre Joel, a carne enfraquecida,
D'alma viril apenas um sudario,
Que ha de fazer nos temporaes da vida?
Pobre Joel! brenn valetudinario!

Tua alma, como o intrepido mareante,
Que ha de fazer nos restos d'um batel?
Tens ainda o espirito pujante
Mas o teu braço enfraqueceu, Joel!

Deixa o malag a um canto e entra tristemente á direita. HENA *apparece pela esquerda, pensativa. Vai ao fundo e detem-se algum tempo, olhando. Depois d'uma pausa triste sorri desalentada com os olhos marejados d'agua:*

SCENA IV

HENA DEPOIS JULYAN

HENA

Que alegria lá fóra nos trigaes
Ao louro sol que nos prepara a messe:
Trilam nos ramos trefegos pardaes,
A neblina do val desapparece.
Bale a ovelha feliz, muge a novilha,
Zumbe a abelha no prado em flor, ao sol...
Se vem a noite o plenilunio brilha
E canta o rouxinol.

Evocando uma recordação, com saudade:

Quando chegar a primavera amena
— Inda era inverno! — em pallida manhã:
Minha, disse elle, has de então ser, ó Hena!
E eu disse: Tua serei sim, Julyan!

Repetindo com melancolia:

Quando chegar a primavéra...

JULYAN, *fóra:*

Hér! Hér!

Entrando:

Hena!

HENA

Julyan!

Tomando-lhe as mãos:

Tu vais partir?

JULIAN, *acabrunhado:*

Talvez
P'ra nunca mais aqui tornar...

HENA, *n'um grito:*

Morrer?!

JULYAN

A Gallia assim o exige e eu... sou gaulez!

Fitam-se mudos e enternecidos; depois de uma dolorosa pausa:

HENA, *como duvidosa:*

Tu vais partir?!

JULYAN

Que hei de fazer? ordena!...
Mas não creias que eu parta pois quem parte,
Quem vai, talvez, para o jamais deixar-te
É um pobre corpo sem mais nada, ó Hena!

Minh'alma, que de mim o amor aliena,
Fica comtigo para acompanhar-te;
Andará junto á tua em toda a parte,
Sem jamais conhecer a menor pena.

Parto! e na lucta, quanto mais sangrenta
A peleja tornar-se eu, rindo e ousado,
Enfrentarei o perfido inimigo.

Que levará de mim Roma cruenta?
Um miseravel corpo despojado
Porque minh'alma ficará comtigo.

HENA

Mas, se morreres... ai de mim! a palma
Do martyrio será por dois levada...

JULYAN

E porque, minha amada?

HENA

Porque levas minh'alma.

Ficam algum tempo extasiados; HENA, *por fim, toma uma espada e, cingindo em* JULYAN, *diz, por entre lagrimas:*

Cinge a cortante espada!
E, nos momentos rapidos de calma,
Mira-a e has de ver na lamina polida
A minha imagem retratada...

JULYAN, *apaixonadamente:*

A tua imagem, minha vida,
A tua imagem que será minh'alma...

HENA, *depois de uma hesitação pudica, lança-se apaixonadamente nos braços de* JULYAN. *Ouvindo, porem, rumor fóra, affastam-se a tempo de* ARMEL, *que entra precipitado, não poder surprehendel-os em colloquio tão meigo.*

SCENA V

OS MESMOS E ARMEL

JULYAN

que tem os olhos fitos na porta larga do fundo vendo entrar ARMEL:

Armel!

ARMEL, *sombrio:*

Julyan, a Gallia conflagrada
Já na peleja empenha-se. Retumba
O valle que o clamor atrôa e assombra.
Eis-me para cumprir a fé jurada:
Se um de nós succumbir que o outro succumba,
Que um seja do outro como a propria sombra.

Desenrola da cinta uma corrente e junta-se a JULYAN. *Resôa ao longe, mal distincto, o* EPINICIO *enthusiastico.*

ARMEL, JULYAN E HÊNA

O tu, Hesús, que os vís perjurios punes
E recompensas a fidelidade,
Sê cruel com aquelle dos saldunes
Que, por temor, fraqueza ou deslealdade,
No momento mais grave do perigo,
Fugindo á morte e á fé covardemente,
Despedaçando os élos da corrente,
Deixar no campo abandonado o amigo.
Maldicto seja!

SCENA VI

OS MESMOS, JOEL; DEPOIS MARGARIDA, SIOMARA, MÉROE, HENÔRA, AS CREANÇAS; DEPOIS KIRIO

JOEL, *saindo da direita armado; com solemnidade:*

Sim, maldicto seja!
Eis-me prompto a sair para a peleja...

JULYAN *e* ARMEL *baixam os olhos com respeito.* JOEL, *tomando a corrente que* ARMEL *já tem engatado ao élo do seu cinto, exclama:*

Que eu vos una!

Prende a outra extremidade da corrente ao élo do cinto de JULYAN

JULYAN

Joel, os que assim unes
Por uma fragilissima corrente
Já 'stão unidos e perpetuamente
Pela fé que juraram de Saldunes.

MARGARIDA, *entre as donzellas que a cercam com solicitos cuidados, entra trópega, tacteando, allucinada. Os seus olhos opácos rolam desesperadamente nas orbitas. Affastam-se todos, com respeito, ante a veneranda céga*

MARGARIDA

Fuge depressa! os passos aligeira
Eh! Margarida, pobre velha, fuge!

Que importa á Roma uma cegueira
Que no sangue escabuge?
Vamos, donzellas... Na montanha escura
Ha covas d'ursos que nos tomem
E a féra brava da espessura
É mais humana do que o homem.
    Fuge! fuge, mulher!
Se tens um filho que elle vá comtigo,
    Que o não vejas morrer
As mãos crueis do pérfido inimigo.

Ajoelhando-se, as mãos postas:

Como eu bemdigo esta cegueira
Que me priva de ver tanta agonia.
Feliz que sou! D'esta maneira
Céga, sem ver a luz do dia,
Nada verei do horror... Graças te rendo, Hésus
    Que me levaste á luz.

Prestando attenção, surdamente:

Quem geme?

SIOMARA

É o vento.

MARGARIDA, *levantando-se:*

Ah! pobre vento!
Geme por nós... por todos nós!
E como é triste o seu lamento...
Ah! pobre vento! Ah! pobre vento!
Como é dorida a sua voz!

VOZES, *ao longe, entoam heroicamente o*
EPINICIO

KIRIO, *apparecendo ao fundo*
com a aguilhada em punho:

Já o incendio flammeja ao longe e encarde
O céo; e a luz do sol offusca e empanna
O fumo espesso e, em breve, será tarde
Para fugirmos á legião romana.

AS DONZELLAS,
conduzindo MARGARIDA:

Vamos! o tempo apressa.
Vamos! o carro espera...

Dirigindo-se á casa:

Adeus!

MARGARIDA

Partamos!
Antes que o barbaro appareça...

Tristemente:

Pobre de mim... desventurada! *(Resoluta:)* Vamos!

Afflicta, estendendo as mãos anciosamente:

Joel! Joel!

JOEL *adianta-se e os dois abraçam-se commovidos.*

HENA, *desoladamente:*

Ó minhas esperanças!

JOEL

enternecido conduzindo as creanças ao carro que espera á porta;
com voz surda, repassada em lagrimas:

Vai começar a triste vida errante!

MARGARIDA

Vejam se falta alguma das creanças...

JOEL

Não falta...

MARGARIDA

Adeus!

HENA

Ó doloroso instante!

AS CREANÇAS

La ra la lá...

JULYAN

Melhor fôra morrer que ver tal scena...

Despedindo-se:

Adeus, Henôra... Adeus, Siomára...

Com angustia:

Ó Hena!...

HENA, *em segredo:*

Mira-a... e has de ver na lamina polida
A minha imagem retratada.

JULYAN, *commovido:*

A tua imagem, minha vida,
A tua imagem que será minh'alma...

ARMEL, *lendo a paixão nos olhos tristes e lacrimosos de* HENA, *estremece de colera.* VOZES, *ao longe, entoam o* EPINICIO.

JOEL, *conduzindo* MARGARIDA *e as donzellas:*

Ide! e Teutátes que vos leve em paz!

MARGARIDA

Adeus, Joel... talvez para o jamais!

HENA
caminhando para o fundo sempre seguida pelo olhar sombrio de ARMEL:

Adeus, Julyan!

JULYAN

Adeus!

JOEL, *á porta, beija carinhosamente,* MARGARIDA *e as donzellas á medida que vão passando ao alcance dos seus braços tremulos.*

MARGARIDA *e as donzellas, fóra*

Adeus!

ARMEL

N'uma explosão d'angustia:

Ó ancia!
Amam-se os dois... que horror!

JULYAN, *á porta:*

Hena... constancia!

HENA, *fóra:*

Inda na morte!

JULYAN

Inda na morte!...

ARMEL

Ó dôr!

Fica acabrunhado e, quasi arrastado por JULYAN, *vai á porta do fundo onde está* JOEL *acompanhando a partida.*

AS CREANÇAS, *no carro, jocundamente:*

La ra la la...

JOEL E JULYAN *acenam despedindo-se* JOEL *e os saldunes recolhem-se*

JOEL, *depois de um commovido silencio, assomado, brandindo o malag:*

Agora a nós, gaulezes! Pela Gallia!

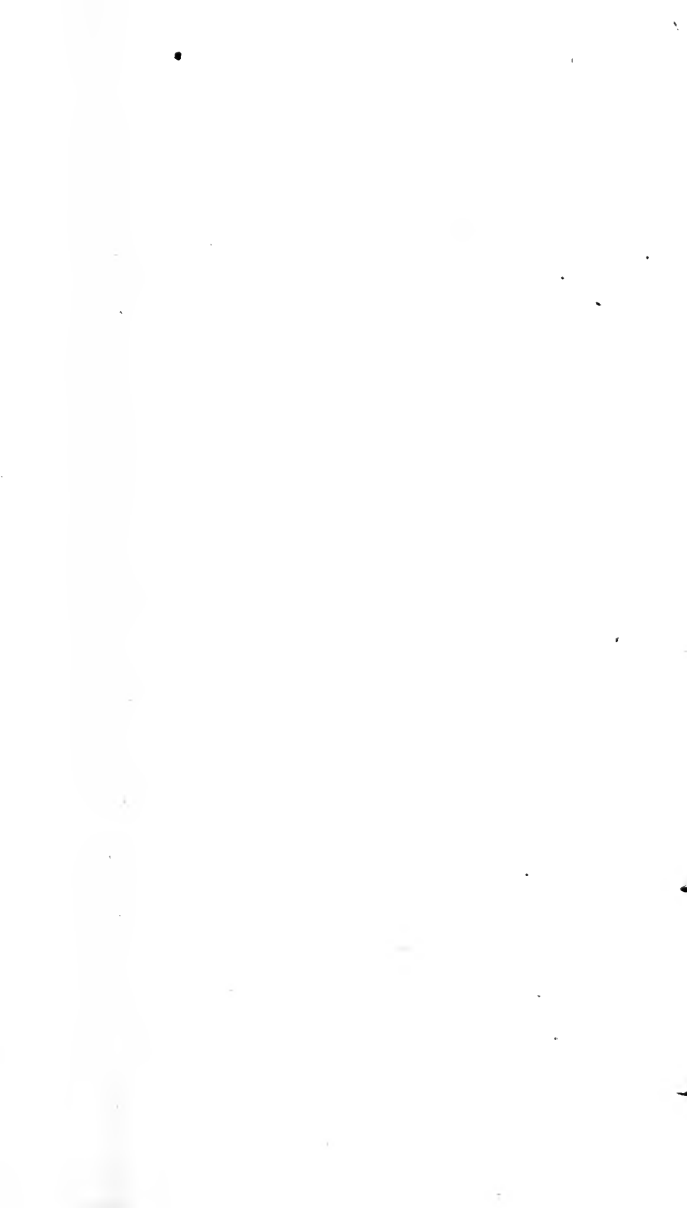
Clamor fóra. A casa é invadida pelos rusticos armados

EPINICIO

Her! Her! pela Gallia
Embora a guerra abale-a
Do valle em flor á serra
Jamais a Patria altiva,
Hésus! será captiva...
Her! Her! pela guerra!

PANNO

II

CANON

SCENARIO

Clareira no bosque de Carnac, entre robustos carvalhos sacros. Hirtos menhirs, em duas linhas parallelas, descem até á praia rochosa e agreste; ao centro a ara tabular e, flanqueando-a, dois montes de lenha destinados aos holocaustos. Um dos montes, ennastrado de compridos e finos véos brancos, raiados de purpura, que palpitam com o halito da noite, avulta viçosamente enfestoado de ramos frescos e florídos; o outro tem apenas em torno verdes folhagens e gavelas de trigo. A lua, surgindo do mar longinquo, pallida, d'uma pallidez enfermiça de lyrio novo, docemente mysteriosa e somnambula, vai subindo, ora pelo céo liso e calmo, ora por entre nuvens, apparecendo, desapparecendo. O marulho do mar, na praia, é funebre e o arvorêdo como que responde ás ondas com o seu murmúrio.

SCENA I

JOEL, JULYAN E ARMEL

Merencoreo silencio. Subitamente, módulo, um passaro desfere entre a densa folhagem dos carvalhos: é o rouxinol nocturno. JOEL, JULYAN *e* ARMEL *apparecem ao fundo e, saltando de pedra em pedra, passam por entre os sagrados monolithos respeitosamente, inclinando-se diante da ara tabular. Ao rumor que fazem cala-se o rouxinol*

JOEL

Eis de Carnac os marcos millenares!
É aqui que os druidas vêm falar aos deuses
Sobre as sagradas pedras dos altares.

JULYAN, *tristemente:*

Aqui vai ser o ponto dos adeuses...

JOEL

Se Mikael foi prompto na embaixada,
Annunciando á Patria o imigo trêdo
Deve achar-se no seio do arvorêdo
A Gallia congregada.

Avança até á orla da floresta e faz soar a buzina; outra responde, sonóra, d'entre as possantes arvores

ARMEL

A voz de Rittha-Gaur...

JOEL, *com enthusiasmo:*

A voz sonóra,
A voz possante da buzina forte
Inda vibra em minh'alma como outr'óra...

JULYAN, *presago:*

A voz de Rittha-Gaur... a voz da Morte!...

JOEL, *aos saldunes:*

Esperai-me aqui fóra na clareira
Emquanto falo aos principaes do clan

Com que a Gallia bretã
Vai defender, impavida, a fronteira.

Caminhando para a floresta, stentorosamente:

Por Hesús!

VOZES, *na floresta:*

Por Hesús!

JOEL

Pela Gallia sagrada!
Repilla o parr gaulez a lamina da espada
Do bandido feroz que esta terra profana
Querendo escravisal-a á tétra aguia romana!

Perde-se na floresta

VOZES, *longinquas, na floresta, entoam o* EPINICIO

Familias gaulezas foragidas, em grande miseria, atravessam a scena, ao fundo, desapparecendo entre as arvores protectoras. De quando em quando, soturnamente, como

um soluço, o nome de HESÚS *resôa no bosque*

Silencio. O rouxinol recomeça o canto elegiaco. JULYAN, *d'olhos em terra, entristecido, medita.* ARMEL *contempla extasiadamente o mar que o plenilunio assoalha de claridade*

SCENA II

JULYAN E ARMEL

JULYAN, *suspirando:*

Hena!

ARMEL, *voltando-se:*

Que tens, Julyan? porque suspiras?

JULYAN

É minh'alma que geme em minha bôcca...

Trôa a buzina na floresta; cala-se o rouxinol. Assomado:

Ouves a voz d'essa buzina rouca?
É a voz da Morte, Armel...

ARMEL

Que tens? deliras!?

JULYAN, *com amargura:*

Talvez... nem sei... meu coração desvaira
E não sinto minh'alma que, em verdade,
Muito longe d'aqui, saudosa, paira.

Com muita melancolia:

Tu não sabes, Armel, que é ter saudade,
Tu não sabes, Armel, que é ser amado
E andar longe do ser estremecido...
Tu não sabes, Armel, que é ter gozado...

ARMEL, *com angustia:*

Tu não sabes, Julyan, que é ter soffrido...

JULYAN
Chegando-se muito a ARMEL,
como em segrêdo:

Esta corrente que nos liga
Forte, de ferro, é menos forte
Que uma palavra dôce e amiga
Que ouvi a alguem, em noite antiga

Quando inda uivava o vento Norte.
Alguem que é toda a minha sorte
E que a viver inda me instiga...

ARMEL, *ancioso:*

Dize quem é!...

JULYAN

Queres que eu diga?

Com enlevo:

É uma formosa rapariga
De rosto branco e altivo porte.

ARMEL

Extasiado, como n'um sonho, os olhos no céo:

Louros cabellos bastos
Vestem-n'a d'ouro e de luz
E os seus lindos olhos castos
São como dois céos azúes.
Quando ella fala—se é dia...

JULYAN

Cala-se a cotovia.
Se a lua rendeu o sol...

ARMEL

Cala-se o rouxinol.

JULYAN, *suspeitoso:*

Seu nome?

ARMEL

Pois inda queres
Que eu diga mais do que hei dito?
Não há outra entre as mulheres
Que tanto valha...

JULYAN, *apaixonadamente:*

Acredito.

ARMEL

Foi no tempo da messe
Que ella me appareceu
E, certamente, ao que parece,
Sem perceber, meu coração colheu.

Foi no tempo da messe
Que o meu amor nasceu.
Ella, talvez porque não desse
Pelo engano fatal, não percebeu
Que, em vez da flor que pelos campos cresce,
Colhia um triste coração — o meu.
E essa donzella que me traz captivo,
Essa donzella que me não conhece
É justamente, irmão, ao que parece,
A mesma...

JULYAN, *fogosamente:*

Por quem vivo!
Seu nome! dize!

ARMEL

Dil-o tu mesmo...

JULYAN

Hena!

ARMEL

Meu coração responde como um echo.

JULYAN, *com espanto e despeito:*

Amas a filha de Joel?!

ARMEL, *baixando os olhos:*

Se pécco
A culpa é d'ella, irmão, e minha é a pena.

Silencio. O rouxinol canta maviosamente

JULYAN

De repente, tremulo de emoção, cravando os olhos em ARMEL:

E que provas tens tu do seu amor?

Cala-se o rouxinol

ARMEL

Nenhuma!
Nunca tive um sorriso, ao menos, do seu labio
Que o halito perfuma.

Movimento de alegria de JULYAN.
Com paixão e tristeza:

Amo-a como o druida sabio
Ama, em silencio, a Natureza a preço

Da indifferença. O seu olhar altivo
Não vio jamais que eu dasfalleço
De amor por ella e só por ella vivo.

Com alento:

Nem por isso, Julyan, hei de deixar de amal-a!

Docemente:

Eu amo a estrella d'alva e o sol e a fresca aurora,
A brisa, a selva, o monte, o mar e a flor que exhala;
Tudo que é bello, emfim, indifferente embora...
Como não hei de amar a creação mais bella
　　Do Creador da Natureza?
Eu não lhe peço amor, nem tal eu peço á estrella,
Nem ao mar, nem ao sol, nem á flor da deveza.
Amo-a como respiro e como busco o alento,
Amo-a como o pastor adora a estrella clara!
Que importa á fonte o viajor que pára
　　E a contempla um momento?
Emtanto a fonte não lhe néga á sêde
　　O pouco d'agua que elle péde.
Pouco me basta, irmão, para a minha ventura,
Pouco me basta, irmão, p'ra não ser infeliz:
　　Basta que eu veja a creatura
　　E ouça o que ella diz;

Beije devotamente o seu rasto na areia
E sinta o arôma que trescala
O seu cabello que, dourado, ondeia
Ao sol... Basta-me amal-a!

JULYAN

Hena, a filha do brenn, é minha noiva, Armel!
E o seu coração meigo anda sempre commigo:

Com a dextra sobre o coração:

Tenho-o guardado aqui como sob um broquel.
Hena jurou ser minha e ha de ser-me fiel!
Tenho o seu coração...

ARMEL

Como em soliloquio, com amarga ironia:

Por isso é que eu te sigo!

Motivo religioso ao longe, á direita. Sons de buzinas na floresta. Varios rusticos, que se têm reunido em torno dos menhirs, levantam-se e alongam os olhos

OS RUSTICOS

O cortejo...

ARMEL A JULYAN

Em que cuidas?

Com intenção ironica:

Ahi vem a collegiada dos druidas:
Esquece o amor — pensa na Patria.
Embora eu idolatre-a
Sinto que agora, irmão, outro amor me reclama
E mais forte e mais vivo e mais nobre talvez...

JULYAN

Do que o amor?...

ARMEL

Do que o amor!...

JULYAN, *impetuoso:*

Do que o amor de quem ama?!

ARMEL

Do que o amor de quem ama e de quem...

JULYAN, *incredulo, acena negativamente com a cabeça:*

Ah! não crês
Não crês, então, que eu possa amar conjunctamente

O céo, a terra, o mar, tudo que foi creádo
Sem esquecer o ser amado?

JULYAN, *fervorosamente:*

Creio no amor unicamente!

Estrugem vozes na floresta entoando o

EPINICIO

OS RUSTICOS

O sagrado cortejo...
Vai começar o sacrificio.
Hesús, deus forte e bemfasejo,
A' Gallia sê propicio!

SCENA III

ARMEL, JULYAN, DRUIDAS, BARDOS, EWHAG'HS, RUSTICOS, UM MANCEBO, UMA VIRCEM, DRUIDIZAS; DEPOIS JOEL E GUERREIROS

CORTEJO

Tremulos accordes vibram, n'um suavissimo concerto mystico, despertando o si-

lencio nocturno e, lentamente, gravemente, surgindo d'entre as arvores annosas da ala versuda da direita, apparecem guerreiros severos empunhando archotes e, em seguida, os bardos pulsando harpas. Caminham como em extase, mal tocando o sólo acamado de versas que se lhes apegam ás fimbrias das tunicas, alvas e compridas, ajustadas por um cinto de metal; os olhos arroubados demandam o céo lucido e calmo e, nas suas pallidas frontes, cingidas de folhas de carvalho, o livido luar assenta scintillando nos cabellos fartos e longos, humidos de orvalho.

Os ewhag'hs, com as suas tunicas folgadas, peitoral vermelho como embebido no sangue oblativo das victimas, machadinhas em punho, o malag á cintura, de grandes barbas ondulantes, olham em frente, com o olhar immovel e duro das estatuas.

Veneraveis, com os cabellos brancos rolando sobre os hombros curvados, as barbas forrando os peitos, os druidas, d'alvo, com a orla das tunicas enfestadas de purpura, coroados como os bardos, caminham me-

rencoreos — entre elles, juntos como dois noivos, d'olhos altos, um ramo de carvalho á mão, um mancebo e uma virgem, d'uma expressão tão calma e feliz ambos, que ao vel-os, os jovens, da mesma idade venturosa e de esperança, crendo que vão cumprir uma promessa nupcial, suspiram de inveja.

As druidizas casadas, de branco, com cinto de ouro; as donzellas druidizas de negro, cinto de metal, braços nús, coroadas de folhagem, ferindo harpas. As folhas seccas farfalham sob os passos com um murmurio tremulo de chuva. Os druidas cercam veneradamente a ara tabular, os bardos tomam lugar ao fundo, á direita, junto d'um alto carvalho ramalhoso; as druidizas reunem-se á esquerda, fundo; os ewhag'hs e as victimas acercam-se da ara.

OS BARDOS

Hesús! Hesús!

DRUIDAS E EWHAG'HS

Hesús! Hesús!

AS DRUIDIZAS

Hesús! Hesús!

TODAS AS VOZES

Hesús! Hesús!

AS DRUIDIZAS

Véla por nós, mantenedor da Luz!

VOZES, *na floresta:*

Hesús!

Tróam formidavelmente as clangorosas buzinas. Irrompem da floresta os guerreiros gaulezes precedidos por JOEL. JULYAN *e* ARMEL *vão ao fundo e confundem-se com a multidão. Os guerreiros entôam, com ardente enthusiasmo, o* EPINICIO.

OS BARDOS

Ao parr! que o vosso pulso vibre
Com valentia e deshumano
Pondo na Gallia um novo Tibre
Com o sangue romano!

Ao parr! que a leva retrocêda
Diante de vós, filhos de Hesús!
Como recúa a sombra trêda
Ao rebrilho da luz!

OS DRUIDAS

No silencio dos castros
Crepitam fogos de bivac.
Almo Senhor dos astros
Que assistes em Carnac,
Não permittas que o fulvo incendio infausto,
Que arde da Gallia na fronteira, o atrio
Santo do solo patrio,
Abraze a terra como em holocausto.

AS DRUIDIZAS

Almo Senhor dos astros
Que assistes em Carnac
Acceita o sangue que oblativamente
Vai correr nos altares.
Véla por nós, defende-nos, clemente
Senhor das terras e dos mares!

As victimas encaminham-se para a ara tabular

Hesús!

OS EWHAG'HS, *soturnamente:*

Hesús!

AS VICTIMAS

Que o nosso sangue te sacie!

OS DRUIDAS

Que o teu espirito nos guie!

TODAS AS VOZES

Véla por nós, mantenedor da Luz!

UM EWHAG'H, *proclamando:*

O sangue vai correr!
Se alguem na turba quer mandar recados
Aos seus mortos amados
E' tempo de o fazer.

Gritos e brados. A multidão aperta-se em torno da ara tabular. Rusticos sobem ás arvores para ver melhor, mães levantam os filhos nos braços, fanaticos rojam-se por

terra escabujando. Clamores, guaiados. Um grande fremito agita a turba commovida

O MANCEBO

De pé, na ara tabular, radiante, n'uma transfiguração, entôa o canto de morte que é ouvido em religioso silencio:

Feliz de mim que vou rever os meus
E entrar na eterna bemaventurança.
Feliz de mim que vou viver nos ceos!

Um ewhag'h adianta-se e crava-lhe fundamente o malag no peito, o mancebo cae sobre a pedra sagrada e, logo, os ewhag'hs transportam o cadaver para o monte de lenha que lhe é destinado. Movimento da multidão

TODAS AS VOZES:

Hesús! Hesús! vingança!

A virgem, entre druidizas, adianta-se e sóbe á ara tabular, viscida do sangue morno que estellicida em gottas grossas sobre a relva

A VIRGEM

Com os olhos illuminados, sorrindo, de pé sobre o altar, dirigindo-se ao céo todo em luz branca

Antes que a morte cale-a
A minha bocca vai falar:

Implorando:

Hesús! defende a Gallia
Contra o romano alvar!

TODAS AS VOZES:

Hesús! defende a Gallia
Contra o romano alvar!

A virgem cae victimada pelo malag do ewhag'h e é transportada para o monte de lenha que os véos brancos enfeitam

SCENA IV

OS MESMOS, KIRIO, HENA, MARGARIDA, SIOMARA, MEROE, HENÔRA E AS CREANÇAS

Entram pela direita, MARGARIDA *entre* HENA *e* SIOMARA; MEROE *e* KIRIO

conduzem as creanças. Param e ficam contemplando o sinistro espectaculo. MARGARIDA, *tirita*

MARGARIDA

O que noite gelada!
O inverno o flocco estellicida
E a neve forra a estrada.
Ó que noite gelada!
E a gente a errar sem ter guarida...
Ah! pobre velha Margarida,
Forçada a caminhar transida.
Em noite assim gelada!...

OS EWHAG'HS

Acceita o sangue que oblativamente
Corre pelos altares!
Véla por nós, defende-nos, clemente
Senhor das terras e dos mares!

MARGARIDA

Caminhando para o fundo, tropega, allucinada, seguida das donzellas e das creanças:

Fére, gaulez! Fére, trucida!
Fére, gaulez! Fére o tyranno!

Que se não salve um só romano,
Que não escape uma só vida!

JULYAN

Ao fundo, entre a multidão, n'um grito alegre, de surpreza feliz:

Hena!

HENA

Julyan!

HENA e JULYAN, *de mãos dadas, avançam para o primeiro plano da scena.* ARMEL, *preso á corrente, acompanha-os conservando-se, porem, affastado, mal contendo o odio, acceso no seu coração, pélo amor dos namorados.*

JULYAN, *revendo-se nos olhos de* HENA:

Tu, minha amada!

ARMEL

O' desventura! hei de seguil-o
Sem protestar, firme e tranquillo
Tendo minh'alma torturada!...

OS BARDOS

Hesús! Hesús!

DRUIDAS E EWHAG'HS

Hesús! Hesús!

AS DRUIDIZAS

Hesús! Hesús!

TODAS AS VOZES:

Hesús! Hesús!

AS DRUIDIZAS

Véla por nós, mantenedor da Luz!

HENA, *apaixonadamente:*

Inda uma vez quiz a sorte
Que eu te visse e te falasse
E o juramento lembrasse
D'aquella manhã de amor.
Tu vais partir, vais deixar-me,
Levas minh'alma comtigo,
Eu fico, meu dôce amigo,
Fechada na minha dor.
Mas não me esqueças...

JULYAN, *com enlevo:*

Que injuria!
Nem que a memoria eu perdesse
Ainda que escurecesse
Minh'alma que o amor flagella
Dentro da treva da insania
De ti ficaria o rastro:
A noite teria um astro,
Serias tu minha estrella...

ARMEL, *com odio:*

Saldunes, irmãos jurados...
Triste ironía da sorte!
Nem mesmo a foice da Morte
Terá sobre nós valor...
Emtanto de instante a instante
Mais a sorte nos desune:
Fez-se elle do amor saldune
E eu fiz-me escravo do amor.

MARGARIDA, *chamando:*

Hena! Siomára! Méroe!

JULYAN

Adeus!

MARGARIDA

Henôra!

JULYAN

Embora a morte nos separe...

HENA

Embora!

Depois de contemplal-o com a alma nos olhos:

Mira-a e has de ver na lamina polida
A minha imagem retratada...

JULYAN

A tua imagem, minha vida,
A tua imagem que será minh'alma!

HENA *affasta-se correndo e vai juntar-se á* MARGARIDA *e ás donzellas, saindo todas, com as creanças, precedidas por* KIRIO, *pela direita, fundo.* HENA *acena sempre a* JULYAN *que corresponde apaixonadamente.* ARMEL, *depois de contemplar os dois, arranca violentamente a corrente do cinto e atira-a ao chão desprendendo-se de*

JULYAN *que, sem perceber, vai livremente até ao fundo.*

ARMEL, *com odio:*

Bemdicta sejas tu, flamma infame da guerra!
Bemdicta sejas tu, que me vais desforçar...
Que eu morra! e o meu rival não ficará na terra,
Que elle morra e esse amor ha de, emfim, terminar!

HENA *desapparece.* JULYAN, *vendo-se livre, fica surprendido e, tomando a corrente que levou de rasto, chega-se a* ARMEL *entregando-lhe a extremidade que lhe cabe; o saldune, sem poder dissimular a ira, mostra-se indifferente ao companheiro. Os* EWHAG'HS *ateiam fogo aos dois montes de lenha e as chammas sobem abraçando os corpos das victimas. Os* BARDOS *travam das harpas e, gloriosamente, entôam o hymno de guerra seguindo todo o cortejo para a floresta sagrada.*

OS BARDOS

Ao parr! que o vosso pulso vibre
Com valentia e deshumano

Pondo na Gallia um novo Tibre
Com o sangue romano!
Ao parr! que a leva retrocêda
Diante de vós, filhos de Hesús!
Como recúa a sombra trêda.
Ao rebrilho da luz...

Desapparece o ultimo gaulez na floresta. Silencio. JULYAN *contempla* ARMEL *que, d'olhos em terra, a corrente na mão, hesita em ligar-se de novo ao companheiro. As fogueiras ardem illuminando tragicamente a paisagem e o rouxinol solitario modúla com melancolia. Subito, porem, clangoram na floresta, já longe, todas as buzinas e as vozes atrôam a tácita espêssura formidolosamente entoando o:*

CHORAL

Por Hesús! Por Hesús! Pela Gallia sagrada!
Repilla o parr gaulez a lamina da espada
Do bandido feroz que esta terra profana
Querendo escravisal-a á tétra aguia romana!

ARMEL

Que tem prestado attenção ao choral bellicoso suspira arrancadamente e, n'um movimento rapido, nervoso, prende a corrente ao elo do seu cinto e acena para que partam, detem-se, porem, na orla da floresta e, depois de lançar um olhar odioso a JULYAN, *brada heroicamente, não sem amargura:*

Embora eu idolatre-a...
Sinto que agora, alem! outro amor me reclama!

Desapparecem na floresta. Depois de um curto silencio o rouxinol recomeça a cantar e o panno vem descendo lentamente

III

CATASTROPHE

SCENARIO

Campo arrazado pelo incendio. Aqui, alli, d'entre o cineral, avultam troncos adustos, negros, como vestidos de lucto. Serras asperas, hirsutas, murálham o horizonte sombrio. A' esquerda, primeiro plano, uma caverna com a sua dentuça de stalactites e stalagmites, como uma grande bocca de pedra bocejando. Rochas calcinadas povoam o campo triste. A neblina dilue-se ás primeiras luzes da manhã melancolica.

SCENA I

MARGARIDA DEPOIS HENA

Em grande miseria, mal coberta de andrajos, tremula, esqueletica, **MARGARIDA** *está tristemente sentada no limiar da caverna que lhe serve de guarida.*

MARGARIDA

Foi-se a floresta... Pobre floresta!
Levou dois mezes a agonisar.
D'ella na terra nada mais resta.
Pobre arvorêdo! Pobre floresta!
Ha cinza apenas no seu lugar!

Foram-se todos! Quasi sosinha
Fiquei no mundo para penar.
Não ha desgraça maior que a minha...

Pobre floresta! Pobre velhinha!
Que é do arvorêdo? Que é do teu lar?

Depois de uma pausa atristurada:

Em ti, campo forte, em breve
Ha de o renovo florir.
Que importa que o incendio o leve?
Se, ao fim do tempo da neve,
A Primavéra ha de vir...

Mas, ai! de mim!... quem me dera
Ter os mesmos estribilhos
Da eterna canção da esphéra:
Pudesse uma Primavéra
Trazer-me de novo os filhos!

A sua cabeça miseranda abate sobre o peito cavado. caem-lhe os braços magros ao longo do corpo. HENA *entra lentamente pela esquerda, andrajosa, descalça e linda. trazendo, com infinitos cuidados, um grande lyrio cheio de agua.*

HENA

Inda pude encontrar agua...

MARGARIDA
estendendo as mãos, anciosamente:

Dá-me a beber... Tu és Hena:
Minh'alma te reconhece.

HENA, *carinhosamente:*

Sim, mãe: sou!

Chegando-lhe, com desvelo, o lyrio á bocca sedenta:

De longe trago-a
No calix d'uma açucena.

MARGARIDA, *depois de beber:*

E' noite ou dia?

HENA

Amanhece.

Com meiguiçe:

Recolhe-te um pouco á cáva,
Vê se podes repousar.

MARGARIDA, *levantando-se :*

Ah! não repousa uma escrava...

De repente, sobresaltada, prestando attenção a vozes imaginarias :

Quem fala? Estão a falar...
Ouve, minha filha, escúta...

Surdamente, com mêdo, agarrando-se á HENA :

São elles!...

HENA

Não, mãe : é o vento
Que geme dentro da gruta.
Vem repousar um momento...

MARGARIDA

No limiar da caverna, chamando :

Joel! Joel (A' HENA): Ouve... Pára!
Ouví responder agora...

Chamando com a voz em grito :

Joel!

HENA, *chamando:*

Joel!

MARGARIDA, *chamando:*

Méroe! Henôra!
Espéra... *(chamando):* Joel! Siomára!

Tristemente, desilludida:

Respondem... respondem sim
Do sitio em que se esconderam.

Com a mão sobre o coração:

Bem ouvi que responderam
Mas foi aqui, dentro em mim...

Entram lentamente na caverna.

SCENA II

DRUIDAS, EWHAG'HS, DRUIDIZAS, BARDOS, MIKAEL E RUSTICOS

Abatidos, desfigurados, em pobreza extrema, atravessam a scena, ao fundo, da direita

para a esquerda. Detem-se, um momento, contemplando, com angustia, o campo alhanado:

UM VELHO DRUIDA

Com os braços levantados para o ceo:

Hesús!

OS DRUIDAS

Hesús!

TODAS AS VOZES, *em grita:*

Véla por nós, mantenedor da Luz!

MIKAEL

Ferido, caminhando amparado por dois homens, entôa, com voz fraca, quasi indistincta, o EPINICIO, *á medida que atravessa a scena.*

SCENA III

JULYAN E ARMEL

Depois de um curto silencio entram, péla direita, primeiro plano, os dois saldunes ro-

tos, desbaratados. ARMEL, *apertando o peito com a mão esquerda, caminha com lentidão, apoiado a* JULYAN. *Detem-se em meio da scena e* ARMEL *deixa-se cair sobre uma pedra, bebendo soffregamente d'uma cabaça que* JULYAN *traz á bandoleira.*

ARMEL

Vendo JULYAN *um pouco affastado:*

Como eu sou infeliz!
Hei de ficar no mundo algemado ao meu Odio!
Nem a Morte me quiz...
O Destino cruel é o meu nume custódio!

JULYAN

Olha o campo que, outr'óra, em flor apparecia:
Não é mais que cinza fria;
E do arvoredo robusto
Resta apenas na terra o esqueleto combusto.
A flôr da Gallia feneceu na guerra.
Ante o romano o que ficou tresmalha,
Põe-se em fuga e se abherra
Por não poder offerecer batalha.

SCENA IV

OS MESMOS E HENA

HENA, *na caverna:*

A pouco e pouco as forças perde...
Nem mesmo um fructo verde
N'este páramo triste me depára
A sorte ingrata e avára!

Movimento de espanto dos saldunes. ARMEL *põe-se de pé surprendido, com os olhos fitos na caverna.*

JULYAN

Esta voz!

ARMEL

Sonharei?! Deve ser sonho...
Em sitio tão tristonho
P'ra que a tristura do silencio quebre
Terá Deus posto... Oh! não... Deliro: é a febre...

HENA *apparece no limiar da caverna*

JULYAN, *maravilhado:*

Hesús! Hesús!

HENA, *avistando-o:*

Julyan!

JULYAN

Hena!

Correm, um para o outro e abraçam-se apaixonadamente:

ARMEL

O miseria!
Pois mesmo n'esta solidão funerea
Entre escombros e lucto, implacavel e firme,
Ha de o amor perseguir-me!?

HENA
Nos braços de JULYAN

Agora estou convencida
De que Hesús véla por nós...

JULYAN

Ah! se o Prazer fosse algoz
Eu já não teria vida...

Ficam extasiados

ARMEL, *com odio doloroso:*

Não quiz a Morte leval-o
Mas ha de leval-o a jura.
Vou cavar a sepultura
Que nos ha de receber.
Que fico a fazer no mundo
Sem patria, sem lar, sem nada?
Antes a paz socegada
Da morte que este viver.

Com raiva, retirando a mão do peito e deixando correr o sangue da ferida:

Escancara-te, ferida
Que fez a lança romana,
Abre a bocca deshumana
E deixa escapar a vida.

Acenando a JULYAN, *com amarga ironia:*

Adeus! sê feliz: desposa-a!

JULYAN

Que se tem conservado junto á HENA, *alheio a todos os movimentos de* ARMEL, *como continuando uma narração que a donzella ouve enternecida, com lagrimas:*

....

Foi um momento cruel.
Mas soube morrer Joel
Brandindo o temído parr.
Em torno d'elle o romano
Cahia e formava accúmulo;
Do imigo fez elle um túmulo
Glorioso p'ra se enterrar.

ARMEL

Com esforço, apertando a ferida pára evitar a passagem do sangue:

Se um de nós succumbir que o outro succumba!
Que um seja do outro como a propria sombra...

HENA *e* JULYAN *voltam-se lentamente e ficam atterrados vendo* ARMEL, *de pé, banhado em sangue, oscillando.*

HENA, *desvairada:*

Hesús!

JULYAN, *n'um grande horror:*

Armel!

ARMEL, *sinistramente:*

Minh'alma parte
E espera a tua...

JULYAN
Tomando, com desespero, as mãos de HENA:

Hei de deixar-te!?

HENA

Oh! não Julyan... não morrerás!

ARMEL, *com voz cava:*

E nunca mais ha de ter paz
Porque persiste a fé jurada
E Hesús castiga o que perjura!

JULYAN, *profundamente abatido:*

Força é morrer, ó minha amada!

ARMEL, *com um sorriso cruel:*

E sobre a minha sepultura...

Cae. Enfraquecendo a mais e mais repete o juramento. Os dois ouvem tomados de inenarravel pavor:

Ó tu, Hesús, que os vis perjurios punes
E recompensas a fidelidade,
Sê cruel com aquelle dos saldunes
Que, por temor, fraqueza ou deslealdade,
No momento mais grave do perigo,
Fugindo á morte e á fé covardemente,
Despedaçando os élos da corrente,
Deixar no campo abandonado o amigo.

Com voz esforçada:

Maldicto seja!

Expira.

JULYAN

Depois de uma pausa repetindo como um echo:

Sim... maldicto seja!

MARGARIDA, *na caverna:*

Hena!

HENA

Julyan !

Ajoelhando-se diante do cadaver de ARMEL, *de mãos postas :*

Ouve ! eu te exhorto !

Com desespero :

Ah ! já não póde mais ouvir...
Não póde mais ouvir... 'stá morto !

JULYAN, *com horror e angustia :*

Morto... meu Deus ! e hei de o seguir !

MARGARIDA, *na caverna :*

Hena !

HENA

Depois de hesitar entre a mãe e o noivo, arrancadamente :

Um breve instante... a pobre céga
Chama por mim... talvez padeça....

Corre para a caverna, detem-se no limiar e volta-se para ver JULYAN *que contempla*

o cadaver de **ARMEL. HENA** *desapparece na caverna e* **JULYAN,** *arrancando o punhal da cinta, profere, com os olhos no ceo:*

A tua furia descarréga
Sobre a minha cabeça!...

Apunhala-se e, vacillando, cae sobre o cadaver de **ARMEL. HENA,** *no limiar da caverna:*

Julyan! *(Chamando)* **Julyan! Julyan!**

Corre allucinada e, vendo-o morto, recúa com um grito:

Horror!

MARGARIDA, *na caverna:*

Hena!

HENA

Julyan! Ó meu destino!

JULYAN, *com um fio de voz:*

Foi o amor o assassino,
Ha muito que me acompanhava...

Flebilmente:

Armel... te amava....

Expira.

HENA

Fica de pé, a tremer como se a alma se lhe houvesse gelado. Hirta contempla os corpos immoveis dos saldunes, por fim, dobrando os joelhos, prosta-se junto do cadaver de JULYAN *e, acariciando-o meigamente, põe-se a chamal-o:*

Julyan!... Julyan!... Julyan!... Julyan!... Julyan!... Julyan!

Tomando-lhe a cabeça nas mãos, muito meiga:

Inda era inverno... em pallida manhã...

A luz d'alva começa a illuminar a scena. A donzella vai lentamente arrancando o punhal do peito de JULYAN *e diz, á medida que lhe repousa a cabeça, com cuidado, sobre as cinzas do solo:*

Minha, disseste, has de então ser, ó Hena!
E eu disse: — Tua eu serei sim, Julyan!

Apunhala-se e cae sobre o corpo de JULYAN, *unindo o seu rosto ao do saldune. Curto silencio.*

SCENA V

Os mesmos e MARGARIDA

MARGARIDA

apparece no limiar da caverna, os braços estendidos, incerta, tacteando; chamando:

Hena!

HENA, *debilmente:*

Julyan!

MARGARIDA

Hena... amanhece.
Ouço cantar a cotovia,
O sol a minha carne aquece:
E' dia!
Hena!

Caminhando incertamente vai sobre os cadaveres; surprendida:

Que sinto?! alguem repousa...

Agacha-se e põe-se a tactear passando a mão pelos mortos.

Hena! responde... és tu? *(Surdamente:)* Senhor!

Tocando o corpo de ARMEL:

Um corpo frio como uma lousa!

Com um grito:

Foi Roma?

HENA, *flebilmente:*

Oh! não!...

MARGARIDA

Com ancia, inclinando-se para ouvir:

Quem foi?!

HENA, *com a voz quasi extincta:*

O amor!

Expira.

MARGARIDA

Põe-se a tremer; os seus dentes rufam, os seus cabellos brancos desprendem-se e cobrem-lhe o busto; arquejando, sempre a passeiar as mãos sobre os cadaveres:

Hena, responde! Hena... tem dó!
Fala: onde estás? eu tenho sêde!
Sou eu... tua mãe... sou eu quem pede.
Fala, responde, Hena: estou só!

Tocando o cadaver da filha, desfazendo-lhe os cabellos:

Hena, meu Deus! tão socegada!
São d'ella estes cabellos... *(Chamando:)* Hena!
Desperta! attende... Ah! não tens pena
De tua mãe desventurada?
Hena, meu Deus!

N'um grande abatimento:

Hesús... mais nada...

Chorando:

O' desgraçada Margarida!
O' Margarida desgraçada
Que ficas a fazer na vida?

Com desespero:

Hena! Ah! Senhor... e eu que supporte
Tanto infortunio sem revolta...

Depois d'uma pausa, n'um tom oracular:

A Morte anda solta! A Morte anda solta...

Levanta-se repentinamente como para seguir alguem:

Vamos a ver se encontramos a Morte...

Abanando os braços abaquetados á maneira d'azas desplumadas, como uma ave infeliz ensaiando inutilmente o vôo, põe-se a caminhar aos saltinhos, com um surdo arquejo, a physionomia demudada, as falripas soltas. De quando em quando detem-se, agita mollemente os braços e, de cabeça alta, afflicta, rolando os olhos apagados, repete, com voz cava, o verso:

Vamos a ver se encontramos a Morte...

Tropega, vacillante, perde-se á direita; momentos depois reapparece, sempre a mover os braços seccos e, parando um ins-

tante no meio da scena, abre desmedidamente a bocca, deixa escapar um gemido soturno e, resoluta, segue nos mesmos passos tremulos, aos saltinhos, redizendo o verso oracular:

A Morte anda solta... A Morte anda solta...

e some-se á direita á medida que o panno vem descendo.

HENA

Oh! não Julyan... não morrerás!

ARMEL, *com voz cava:*

E nunca mais ha de ter paz
Porque persiste a fé jurada
E Hesús castiga o que perjura!

JULYAN, *profundamente abatido:*

Força é morrer, ó minha amada!

HENA

Julyan!

Ajoelhando-se diante do cadaver de ARMEL, *de mãos postas:*

Ouve! eu te exhorto!

Deixar no campo abandonado o amigo.

Com voz esforçada:

Maldicto seja!

Expira.

JULYAN

Depois de uma pausa repetindo como um echo:

Sim... maldicto seja!

MARGARIDA, *na caverna:*

Hena!

o cadaver de ARMEL. HENA *desapparece na caverna e* JULYAN, *arrancando o punhal da cinta, profere, com os olhos no ceo:*

A tua furia descarréga
Sobre a minha cabeça!...

Apunhala-se e, vacillando, cae sobre o cadaver de ARMEL. HENA, *no limiar da ca-*